

Artes Visuais

AUDREY FURLANETO E CATHARINA WREDE

Sensível e inteligível

Com curadoria de Vik Muniz, exposição no Roesler Hotel, em SP, celebra o poder da arte ótica de alterar sentidos e ganhar adesão do público e do mercado

Artes

Crítica

"Buzz"

Roesler Hotel

Cotação: Bom

LUIZA DUARTE

segundocaderno@oglobo.com.br

A obra de Vik Muniz é toda ela permeada pela questão do que e como estamos vendo. Uma alfabetização do olhar está empregada ali. Essa gramatologia visual empreendida por seu trabalho — que tenciona significados, explicitando tanto os nossos limites visuais quanto as nossas capacidades interpretativas — parece permeada por uma pergunta de fundo, qual seja, o que é a realidade?

Essa questão está colocada através de um uso da fotografia sabedor de seu poder de duplicar o real e ser, ao mesmo tempo, um falso duplo do real. Ou seja, sua obra ensina novas formas de ver e pensar o que olhamos, sempre incutindo uma dúvida sobre o que está a nossa frente.

Dentro deste contexto, nada mais natural que se ter Vik na posição de curador. É isso que vemos na mostra coletiva "Buzz", dedicada exclusivamente à op art (arte ótica), em cartaz no espaço Roesler Hotel — anexo da Galeria Nara Roesler, em São Paulo, dedicado a projetos curatoriais.

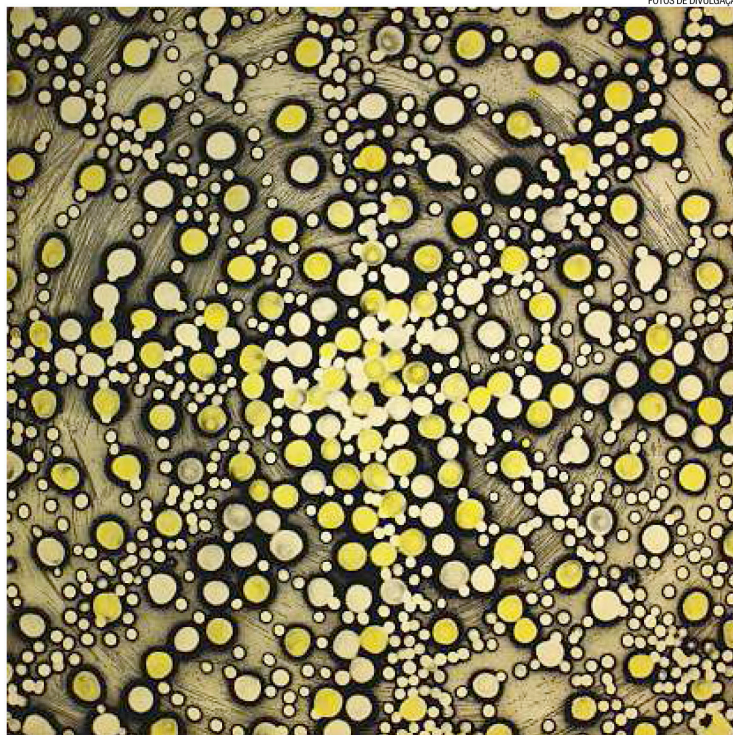
Com mais de 50 obras, "Buzz" reúne desde nomes históricos até contemporâneos, tais como Abraham Palatnik, Israel Pedrosa, Bridget Riley, François Morellet, Jesus Soto, Cruz-Diez, Fred Tomaselli, Lygia Pape, Felipe Barbosa, Angelo Venosa, Olafur Eliasson, Tauba Auerbach, Wayne Gonzales, Yayoi Kusama, entre outros.

RESGATE HISTÓRICO

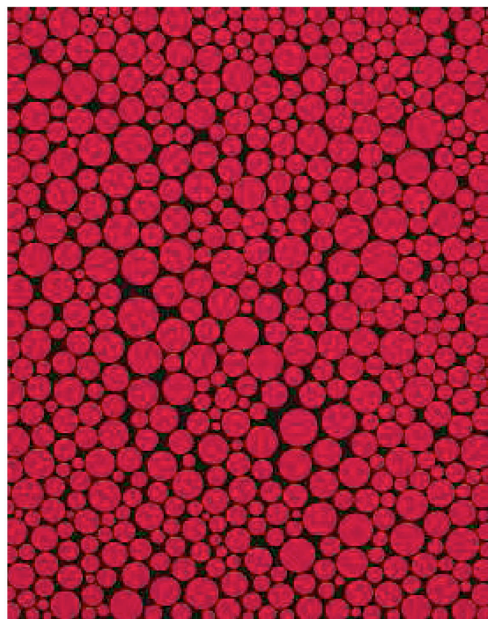
A exposição toma como ponto de partida a mostra seminal "The Responsive Eye", realizada no MoMa, em Nova York, em 1965. Na época, a mostra, com sua emulação da op art, foi desprezada como uma moda passageira pelos olhares do crítico Clement Greenberg, o mais importante crítico da arte moderna, e de um artista fundamental como Donald Judd. Mas, apesar de tudo, a exposição foi um grande sucesso de visitação.

Por ser uma forma de arte de apelo fácil à dimensão sensível puramente, de maneira muitas vezes desprezível, como se a todos fosse dada a chance de ter uma "experiência" com o trabalho, por tudo isso muitos agentes do circuito viam no fenômeno algo inferior, desprovido de camadas mais verticais que pudessem consagrar tal produção aquilo que se chama de arte.

A história mostrou que artistas fundamentais da segunda



"Insertion sequence" (2002). Obra do americano Ross Bleckner: forma de apelo fácil à dimensão do sensível



"Infinity-Dots NTSED" (2008). Trabalho da japonesa Yayoi Kusama

metade do século XX, ligados à op art, como Jesus Soto e Carlos Cruz-Diez, realizaram uma arte no sentido grande do termo. Trata-se de trabalhos que nos ensinam sobre o olhar, a cor, a nossa relação com o espaço, fazendo uso de estratégias óticas, mas tocando em dimensões várias tendo como eixo este viés. Ou seja, tal visão redutora da op art ficou no passado.

"Buzz" tem, assim, como premissa o desejo não só de

defesa da camada fortemente (e não puramente) sensorial que iria contra uma produção contemporânea, na visão da mostra, marcada por uma "tirania da avaliação crítica" (palavras do curador). A op surgiria então como uma chance de emancipação da arte diante deste quadro.

LONGE DA 'TIRANIA DA CRÍTICA'

Assim como a obra do artista Vik Muniz não deve ser desprezada em suas dimensões complexas para o olhar e o pensamento por conta de sua grande adesão de público e mercado, o mesmo deve ocorrer com a op art.

Ao mesmo tempo, tal vertente da produção artística não precisa necessariamente enxergar uma "tirania da crítica" quando se solicita da arte que o registro do pensamento e da esfera crítica para com o mundo ao redor esteja presente e pulsante.

A singularidade da arte é, justamente, fazer com que sensível e inteligível caminhem juntos. Alimentar esta cisão entre "tipos" de arte é um caminho nulo. "Buzz" nos mostra uma belíssima seleção de obras realizadas por artistas de diferentes idades e latitudes. Ou seja, trata-se de uma excelente mostra, que mereceria ser vista em outras cidades, mas que não deve ser lida sob uma chave que sinaliza para uma oposição a outro tipo de produção, mas sim como uma celebração da arte e sua capacidade de alterar nossos sentidos, em múltiplos aspectos. ●

resgatar uma história desta vertente da história da arte e mostrá-la através de um recorte precioso, mérito da curadoria, bem como colocar a hipótese de que, em uma atmosfera midiática dominada pelos discursos da ciência e do consumo de imagens como a nossa, o retorno da op art ganhe relevância. Como se hoje novos pontos de diálogo entre a op e o mundo pudessem ser desdobrados.

Há ainda, em "Buzz", uma